

CONHECENDO, ANALISANDO E IDENTIFICANDO A TERMINOLOGIA QUE MELHOR REPRESENTA A CLASSE SOCIAL QUE NÃO ESCUTA.

KNOWING, ANALYZING AND IDENTIFYING THE TERMINOLOGY THAT BEST REPRESENTS THE SOCIAL CLASS THAT DOES NOT HEAR.

Israel Gonçalves Cardoso¹

RESUMO: Existem muitos vocábulos que representam a classe social que não escuta e entre tantos os mais comuns são: surdo-mudo, deficiente auditivo e surdo. O artigo propõe a escolha do que melhor representa estes agentes. Para a seleção sugere as ideias de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999) que consistem em: conhecer as origens, os conceitos e analisar os possíveis valores dessas expressões antes de empregá-las. Dividimos este estudo em três partes: conhecendo as origens e os conceitos; analisando seus efeitos e identificando a terminologia que melhor representa. Seguimos a metodologia de revisão bibliográfica e concluímos que a nomenclatura que o indivíduo que não escuta ou escuta muito pouco e que está inserido dentro de um contexto cultural, gosta de ser chamado de surdo.

Palavras-chave: Surdo-Mudo; Deficiente Auditivo; Surdo.

ABSTRACT: There are many words that represent the social class who doesn't listen and among the most common are: deaf-mute, deaf and hearing impaired. The article proposes to choose what best represents these agents. For selection suggests the ideas of Bourdieu and Passeron Chamboredon, (1999) consisting of: knowing the origins, the concepts and analyze the possible values of those expressions before hiring them. Share this study in three parts: knowing the origins and concepts; analyzing their effects and identifying the terminology that best represents. We follow the methodology of literature review and concluded that the nomenclature which the individual who does not listen or listen too little and that is inserted within a cultural context, like being called deaf.

Keywords: Deaf and Dumb; Hearing Impaired; Deaf.

INTRODUÇÃO

Existem muitas maneiras de se dirigir à classe social² que não escuta e entre tantas as mais comuns são: surdo-mudo, deficiente auditivo e surdo. Escolher uma, principalmente no momento de redigir um documento escolar ou em uma conversa, causa muitas dúvidas. Esta indecisão ocorre pelo fato de que estes vocábulos geralmente são gerados baseados na distinção³ dos estilos de vidas⁴ dos agentes e carregam valores que impactam de forma negativa ou positiva. Com base nas palavras supracitadas surge a seguinte indagação – Como o indivíduo que não escuta deseja ser chamado?

1 Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis - UCP.

2 Definido por propriedades simbólicas como aquelas que formam o estilo de vida [...]. (BOURDIEU, 2013, p.107)

3 Esta distinção corresponde a toda diferença reconhecida e legitimada entre os agentes envolvidos (BOURDIEU, 2013).

4 O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à instituição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados (BOURDIEU, 1976, p.19)

Pensamos que as melhores formas de sanar nossas desconfiças e evitarmos certas experiências desagradáveis ao abordamos algum indivíduo com problemas auditivos seja seguindo as ideias dos sociólogos Bourdieu; Chamboredon e Passeron (1999): conhecer as origens, os conceitos e analisar os possíveis efeitos que estas representações causam na classe estudada, para então selecionar a que melhor representa.

Para seguirmos a ideia dos sociólogos citados no parágrafo anterior, faremos uma revisão da literatura, que de acordo com Gil (2016): é uma metodologia de pesquisa que envolve material de cunho científico já publicado, objetivando esclarecer não somente a forma que o povo que não escuta gosta de ser tratado, mas evidenciar os efeitos positivos ou negativos que os vocábulos escolhidos causam em um mouco.

Dividimos nosso breve estudo em três momentos: Conhecendo as origens e os conceitos; Analisando seus efeitos; e Identificando a que melhor representa. Em “*Conhecendo as origens e os conceitos*”: dedicamos-nos em fazer uma revisão bibliográfica na tentativa de esclarecer quando e com qual significado as nomenclaturas foram criadas. Para tal usamos os estudos de: Rocha (2010); Ramos (2014); Padden e Humphires (2000) e as legislações brasileiras.

“*Analisando seus efeitos*” foi subdivido em – *Surdo-Mudo; Deficiente Auditivo e Surdo*, esta subdivisão buscou trazer os efeitos simbólicos de cada termo, para os membros de comunidade mouca brasileira. Firmamo-nos através dos estudos propostos por: Strobel (2008); Albres (2010); Gesser (2009); Barros e Hora (2009); Bigogno (2013); Longman (2007); Bisol e Valentini (2011); Vieira (2016); Marins (2015).

Em “*Identificando a que melhor representa*” objetivamos esclarecer, através da análise dos conceitos e relatos escolhidos para compor as partes anteriores deste artigo, com clareza a terminologia que melhor representa os indivíduos que não escuta. Baseamo-nos nas palavras do Bourdieu sobre os capitais.

CONHECENDO AS ORIGENS E CONCEITOS

Nos primórdios da civilização os indivíduos que nasciam sem escutar eram deixados à margem da sociedade, abandonados ou mortos, tratados apenas como deficientes. Lucrécio dizia ser impossível ensiná-los e Aristóteles tratava-os como seres sem inteligência, por acreditar que a maior contribuição para o conhecimento advinha da audição.

Este cenário começou a ser mudado de forma significativa a partir do século XVI quando o italiano Girolano Cardano⁵ e espanhol Pedro Ponce de León⁶ descobriram que os ensurdecidos eram capazes de aprender e desenvolver tarefas dentro da sociedade. E no século XVII foi escrito pelo médico e filósofo britânico J. Bulwer um livro intitulado *Chirologia*, considerado o primeiro livro inglês a versar sobre a língua de sinais e utilizar o termo surdo e mudo.

5 Médico italiano dedicado aos estudos do ouvido, boca e cérebro, suas contribuições foram na área da linguagem e educação desses elementos. Cardano despertou interesse nesta área por ter um filho surdo. (STROBEL, 2008)

6 Monge da ordem dos Beneditinos viveu no monastério de Onã, em Burgos. Inventor do primeiro alfabeto manual conhecido e publicado por Juan Martin Pablo Bonet no livro intitulado *Reducción de lãs letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*. Seu trabalho com surdos está registrado nos livros do monastério. (RAMOS, 2014)

“Surdo e mudo” (surdo-mudo) foi constituído sob a concepção médica de que todo surdo era mudo e seu aparelho fonador possuía uma má formação ou era inexistente. O verbete se popularizou no cenário mundial após Chirologia. Chegando ao Brasil por volta do ano de 1845, através do professor francês surdo Heut⁷. O docente veio a convite do imperador Dom Pedro II com a missão de educar dois surdos.

Segundo Rocha (2010) há vários fatos que comprovam a utilização do vocábulo em solo brasileiro, por exemplo: criação do *Collegio*⁸ Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos (1857); Livro intitulado *Iconographia*⁹ dos Signaes¹⁰ dos Surdos-mudos (1875); o livro *Compêndio para o ensino dos surdos-mudos* (1881); Fundação do Instituto Paulista de Surdos-Mudos (1904) e da Associação Brasileira dos Surdos-Mudos (1913).

A locução deficiente auditivo é de uso técnico, originou-se na área de medicina com a finalidade de classificar os graus de surdez em: leve, moderada, profunda e severa. Em conformidade com o Decreto Federal 5.626/05 é considerado deficiente auditivo o cidadão que possui perda auditiva de quarenta decibéis (dB) ou mais, seja de caráter bilateral, parcial ou total (BRASIL, 2005).

Não sabemos ao certo em que época a terminologia deficiente auditivo foi cunhada, mas há relatos nos estudos de Ramos (2014) de sua aparição em solo brasileiro a partir do século XX, citamos como exemplo: A FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo; APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos; I Encontro Anual de Pais e Responsáveis do Deficiente Auditivo na cidade do Rio de Janeiro;

O vocábulo surdo, ao contrário dos anteriores, apareceu como *Deaf*¹¹ pela primeira vez na comunidade de emouquecidos americanos com objetivo de representar os usuários da *American Sign Language* – *ASL*¹² e seus traços culturais. Vale ressaltar que *deaf* só tem valor cultural para os americanos se for escrito em letra maiúscula. Sua descrição de forma minúscula representa pessoas que tem apenas problemas de audição, como idosos ou jovens que não usufruem ou não querem usufruir da ASL (PADDEN e HUMPHIRES, 2000). Escrever terminologias que representam nacionalidades, povos e língua em letras maiúsculas é um *habitus*¹³ americano.

No Brasil a pessoa surda é aquela que tem a perda de audição a ponto de necessitar interagir com o mundo através das experiências visuais e expressar sua cultura por meio da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS (BRASIL, 2005). Percebemos o uso do termo surdo por diversos autores e no nome de algumas instituições e eventos responsáveis por algum tipo de atividade voltada para o público em voga. Como exemplo: o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

7 Foi monitor da terceira classe do Instituto dos Surdos-Mudos de Paris. (ROCHA, 2010)

8 De acordo com a escrita da época

9 De acordo com a escrita da época.

10 De acordo com a escrita da época.

11 Surdo em inglês.

12 Língua Americana de Sinais (tradução minha)

13 Entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas” adquiridos numa prática anterior (BOURDIEU, 2002, p. 261).

ANALISANDO OS SEUS EFEITOS

Para analisar os efeitos que essas representações simbólicas citadas anteriormente causam no público abordado, destacamos fragmentos de falas de pessoas surdas ou ouvintes a cerca dos termos: surdo-mudo; deficiente auditivo e surdo. Os discursos foram retirados de livros, artigos científicos, dissertações e teses.

Surdo-mudo

Esquadrinhamos o vocábulo surdo-mudo a partir das seguintes falas: da pesquisadora e mãe de um surdo Clélia Regina Ramos citada pela professora surda do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, Karin Lilian Strobel:

(...) as comunidades de surdos de todo o mundo passaram a serem comunidades culturais (...) “falantes” de uma língua própria. Assim, mesmo quando não vocaliza, um surdo pode perfeitamente “falar” em sua Língua de Sinais, não cabendo a denominação SURDOMUDO. Por outro lado, a mudez é um tipo de patologia causado por questões ligadas às cordas vocais, à língua, à laringe ou ainda em função de problemas psicológicos ou neurológicos. A surdez não está absolutamente vinculada à mudez (...) Dizer que alguém que fala com dificuldades é MUDO é preconceituoso, não acham? (RAMOS apud STROBEL, 2008, p.34)

A professora doutora Karin Lilian Strobel, em sua tese de doutorado, expõe um pensamento interessante e ao mesmo tempo delicado, advindo da comunidade surda a respeito do termo “surdo-mudo”:

(...) a terminologia ‘surdo-mudo’ provavelmente é a mais antiga denominação dada aos sujeitos surdos em toda a história até hoje. Ainda hoje, alguns surdos ao invés de rejeitar a terminologia ‘surdo-mudo’, vendo como insulto, vêm abraçando esta terminologia, utilizando-o liberalmente para provocar, “sou mudo e daí! Não falo bem, e daí! Qual o problema!?” assumindo com orgulho (...) (STROBEL, 2008, pp. 34-35)

As pesquisadoras Jozibel Pereira Barros e Mariana Marques da Hora, em um trabalho de conclusão de curso, também expressaram seus depoimentos sobre o termo em voga:

(...) termo, surdo-mudo, é muito forte dentro da comunidade surda o repúdio ao mesmo, por ser considerado que as pessoas que nascem surdas, e as que adquirem a surdez antes da aquisição da língua verbal, não desenvolvem a oralidade pela impossibilidade de escutarem e entenderem a comunicação oral dos/as ouvintes, mas apresentam o sistema fonador preservado, emitem sons e, podem falar por meio da língua de sinais, e algumas conseguem se tornar oralizadas por escolha própria, imposição da família ou da sociedade ouvintista. Por estes motivos os surdos/as não são mudos/as (BARROS; HORA, 2009, p.19).

O depoimento de um professor surdo anotado, em 2003, pela linguista e professora adjunta do curso de Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, Audrei Gesser: “O termo surdo-mudo não é correto porque o surdo tem aparelho fonador, e se for treinado ele pode falar. Eu sou surdo, fui oralizado e não ouço nada, mas a minha língua é a de sinais...” (GESSER, 2009, p.45).

A pesquisadora Paula Guedes Bigogno registrou uma fala sinalizada de um palestrante surdo, proferida em comemoração ao Dia Nacional dos Surdos na Associação de Surdos de Juiz de Fora (ASJF), nos anos de 2011 e 2012, chamado Bruno Viana da Silva, na qual ele relata o seguinte: [...] “não deveriam ser usados “nem surdo-mudo, nem surdo e mudo, muito menos os diminutivos surdinho ou mudinho; os surdos não gostam, vamos respeitar”[...] (BIGOGNO, 2013, p. 53)

A pesquisadora Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro fez uma série de entrevistas com sujeitos surdos, objetivando descobrir o sentido de ser surdo e vermos a partir de agora alguns de seus interlocutores descrevendo suas impressões sobre o termo surdo-mudo: “O que me sinto ruim na minha vida surdez é a falta de respeito aos surdos por chamar de surdo-mudo e debochar a língua de sinais (LIBRAS). O que é preciso para nos sentir bem e igualado? É respeitar os diferentes e conhecer algumas comunidades.” (RIBEIRO, 2008, p. 124).

Deficiente Auditivo

Examinamos a locução deficiente auditivo de acordo com: o discurso da pesquisadora da área de deficiência auditiva, processos cognitivos e políticas públicas e professora voluntária do centro SUVAG de Pernambuco Liliane Vieira Longman:

Ainda hoje, os definidos como portadores de deficiência auditiva, visual, física, mental são inscritos num único grupo social, num único discurso político, numa única ideologia, os quais se materializam ao ser subjetivado através do estereótipo da “universalidade” deficiência, como se existisse uma identidade universal deficiente. Constatou-se, no entanto, ao longo da história, que o único traço que une os grupos que se narram ou são narrados como portadores de deficiência, é o sofrimento da discriminação e exclusão que carregam em todos os momentos das suas vidas (LONGMAN, 2007, p. 27).

A reflexão da Dorzinat referenciada pela fonoaudióloga, tradutora (Português/Libras) e professora dos cursos de graduação (cursos de licenciatura) e da pós-graduação em Libras da Faculdade de Agudos Neiva de Aquino Albres:

Dorzinat [...] desenvolve uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos deficiente auditivo e surdo, encontrados na literatura especializada. O primeiro reflete uma visão médico-organicista de classificação das dificuldades. O termo deficiente que a compõe leva uma visão de improdutividade que precisa necessariamente, de correção. (DORZINAT apud ALBRES, 2010, pp. 46-47)

A professora surda Karin L. Strobel, que traz uma visão mais cultural a cerca do termo em voga:

Para o povo surdo, a terminologia ‘Deficiente Auditivo’ é rejeitada porque define o surdo segundo sua capacidade ou ausência de ouvir e não a presença de uma cultura linguística diferente. Esta visão incapacita o sujeito surdo, não respeitando a sua língua de sinais e sua cultura, porque a falta de audição tem um impacto enorme para a comunidade ouvinte, que dá o estereótipo aos surdos de ‘deficientes’ pois a fala e audição desempenham o papel de destaque na vida ‘normal’ daquela sociedade (STROBEL, 2008, p.35).

O professor surdo norte-americano Leland Emerson McCleary proferiu as seguintes palavras em um evento na cidade de São Paulo, em 2003: “A comunidade

surda se define em grande parte pelo uso da língua de sinais – quem usa língua de sinais faz parte da comunidade surda; quem não a usa está fora ou está à margem da comunidade.[...]” (MCCLEARY, 2003, p.2)

Outro discurso foi anotado por Bigogno (2013) durante uma palestra, realizada pela Associação de Surdos de Juiz de Fora (ASFJ) em comemoração ao Dia Nacional do Surdo e proferido pelo palestrante surdo Bruno Viana da Silva: “Os surdos não gostam do termo “deficiente” (auditivo) sinalizando/dizendo em Libras “Surdo que se aceita não ‘usa’ D.A., [quem ‘usa’ são] surdos oralizados, “implantados”, que não fazem uso da língua de sinais e muitas vezes a desprezam” (BIGOGNO, 2013, p.p. 52-53).

Outra fala é de uma professora surda no ano de 2002, registrada por Gesser, no livro *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*:

Essa história de dizer que surdo não fala, que é mudo, está errada. Eu sou contra o termo surdo-mudo e deficiente auditivo porque tem preconceito... Vocês sabem quem inventou o termo deficiente auditivo? Os médicos! Eu não estou aqui só para vocês aprenderem a LIBRAS, eu estou aqui também para explicar como é a vida do surdo, da cultura, da nossa identidade... (GESSER, 2009, p. 45)

A pesquisadora Ribeiro nos relata as falas de seus entrevistados durante sua trajetória no curso de mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG):

Sou surda normal não tem diferença como ouvinte somos iguais, porque só que não podia ouvir mas tenho os olhos (visual). [...] Essas as pessoas não entende porque ser surdo e acha que ele (surdo) são problema e defeito como as pessoas “deficiente”, esse eu não concordo precisamos respeitar que o surdo somos iguais só é diferença da audição, não o corpo defeito e capaz estuda e trabalhar normal como ouvinte (RIBEIRO, 2008, p. 109).

Minha opinião, significado de ser Surdo a diferença Surdo. Surdo é não tem direito língua, ausência de sons, clínica, obrigação método oral, incapacidade para articular a palavra. Surdo é significado viver mundo organizado, mas transformado, de um diferente, não é deficiência, sim, diferença (RIBEIRO, 2008, p.116).

Eu tenho cansado, sempre sociedade fala palavra deficiência, não é deficiência é diferente sua língua, precisa divulgar comunidade, lugares, e tal, poderá despertador clarezer palavra “Surdo”. Eu acordo Sacks e também Skliar afirma surdez é clínica, fonoaudiologia, médico, implante coclear, diferença Surdez, tem direito identidade Surda, não é modelo surdo, sim, identidade língua do surdo (RIBEIRO, 2008, p.124).

Antes de conhecer os surdos, eu me considerava deficiente auditivo por não saber da existência da comunidade surda, do significado da surdez e da cultura surda. [...] eu sempre tentei ser incluído, respeitado e valorizado, mas sofri muita humilhação nas barreiras de comunicação nas escolas, na família e na roda de amigos. A partir de 19 anos, comecei a frequentar a Associação de Surdos, fui aprendendo a Libras e conhecimento a cultura surda no meio de convivência com os surdos. Hoje já consciente e resolvido, eu tenho a minha identidade surda que me auto valoriza. Eu sou surdo bilíngüe (RIBEIRO, 2008, p. 130).

Cláudia A. Bisol e Carla Beatris Valentini dizem o seguinte:

Pessoa [surda] que não se identifica com a comunidade surda tende a ser mais delicada: alguns se incomodam muito quando seu déficit auditivo é percebido, outros se reconhecem como deficientes auditivos (dependendo de sua história pregressa, da etiologia da surdez, de suas condições atuais de vida, etc.) (BISOL e VALENTINI, 2011, p.2).

No manuscrito da surda Emmanuelle Laborit apud Audri Gesser (2009, p.46): “Recuso-me a ser considerado excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos.”

Surdo

Esmiuçamos o verbete surdo em conformidade com as ideias de Dorzinat apud Albres:

O termo surdo é preferido pelos próprios surdos, que não querem ser identificados como deficientes, mas numa perspectiva sociocultural constituída por uma língua diferente, que propicia uma forma particular de apreensão e externalização do mundo. Consequentemente, constroem uma identidade com aquele que faz uso dessa língua (DORZINAT apud ALBRES, 2010, p.47).

A Karin Lilian Strobel considera o termo surdo como:

Trata-se de respeito pela expressão cultural surda com suas subjetividades, identidades, políticas, histórias, línguas, pedagogia e outros, sendo assim, o povo surdo se auto-identifica como ‘surdo’, que formam um grupo com as específicas características lingüísticas, cognitivas e culturais, sendo considerados como diferença (STROBEL, 2008, p. 38).

A surda e pesquisadora Eliane Telles de Bruim Vieira diz o seguinte em sua dissertação de mestrado, defendida em 2016, na Universidade Federal do Espírito Santo: “Sim, sou surda. Essa forma de eu me olhar não aconteceu de uma hora para outra, mas por meio de caminhos que comecei a percorrer e me levaram a entender a minha surdez” (VIEIRA, 2016, p. 24).

Cássia Lobato Marins é surda e na sua dissertação de mestrado, apresentada em 2015, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, menciona o seguinte: “Cabe ressaltar aqui que considero as pessoas surdas pelo viés da diferença e não da deficiência. [...] significa que entendo a surdez como diferença linguística e cultural e não como deficiência, como coloca a Política” (MARINS, 2015, p. 15).

Conferiremos as falas dos interlocutores da Ribeiro, acerca da nomenclatura surdo:

Surdo é o termo apropriado da comunidade surda, pois significa que o surdo possui a sua língua própria – Libras e identidade cultural. Distingue o termo “deficiente auditivo” que é usado pela sociedade, fonoaudiólogos, para eles, são oralizados, que não sabem a Libras e nem convivem nas comunidades surdas (RIBEIRO, 2008, p. 134)

Surdo significado é não ouvir. Eu fico feliz ser surda porque toda minha família é surda então não fui problema nenhuma pois temos comunicar a LIBRAS mas

apenas tem uma problema na sociedade tem muito preconceito. E também os surdos não combinam nada para estudar dentro da escola inclusiva porque é outra língua. (RIBEIRO, 2008, p. 141)

Ser surdo significa pertencer ao mundo do silêncio, mas com cultura e identidades próprias, tendo também a Libras como língua materna que possa se expressar em tudo: nas comunicações do dia a dia, piadas, política, moda, etc... (RIBEIRO, 2008, P.107)

As estudiosas Cláudia A. Bisol e Carla Beatris Valentini (2011, p.2) dizem o seguinte:

Os surdos, ou Surdos com letra maiúscula, como proposto por alguns autores, são pessoas que não se consideram deficientes, utilizam uma língua de sinais, valorizam sua história, arte e literatura e propõem uma pedagogia própria para a educação das crianças surdas.

IDENTIFICANDO A TERMINOLOGIA QUE MELHOR REPRESENTA

Percebemos algo muito interessante nas falas supracitadas nos subtítulos anteriores, apesar de ser a terminologia mais antiga e ainda encontrarmos pessoas usando-a, “surdo-mudo” ou “surdo e mudo” são nomenclaturas descabidas quando estamos fazendo referência ao indivíduo que não escuta ou que tem problemas auditivos. Chegamos à conclusão de que seu emprego é impróprio por conta dos motivos abaixo:

O primeiro motivo é de ordem fisiológica, colocando em xeque a ideia do filósofo e médico britânico J. Bulwer de que a surdez estaria sempre atrelada um problema de má formação ou inexistência do aparelho fonador e notamos através dos relatos que o surdo pode ser oralizado fato que comprova que a surdez não está ligada aos problemas do aparelho fonador.

E o outro é de ordem sociológica e cultural, o povo mouco é capaz de falar, ouvir e interagir com outras pessoas, só que a sua forma de comunicação se difere das dos ouvintes. Eles falam com as mãos e escutam com os olhos, ou seja, usam a língua de sinais para falar, estabelecer relações e desenvolver todo o tipo de atividades que acharem que lhes convém.

Quanto à expressão deficiente auditivo consideramos que tenha o mesmo efeito sociológico que sudo-mudo, particularmente optamos por não empregá-lo. Atentamos para o fato que o termo deficiente auditivo ainda é bastante falado no dia a dia, principalmente no meio técnico, porém o mesmo exprime a ideia de: doença, improdutividade, incapacitados de realizar afazeres sozinhos e que para minimizar ou até mesmo tentar a cura deveria passar por algum tipo de tratamento médico, porém não desaconselhamos totalmente seu uso, mas alertamos para que seja utilizado com cautela, porque dependendo da situação pode ser encarado com ato preconceituoso e desrespeitoso como diz Barros e Hora:

Porém, ressaltamos que, contraditoriamente, há pessoas surdas que assumem os termos “deficiente auditivo”, “D.A.” e “pessoa com deficiência auditiva” consciente ou inconscientemente, outras os utilizam apenas em determinados espaços sociais para poder usufruir direitos que lhes são garantidos pela legislação e políticas sociais [...] (BARROS e HORA, 2009, p.18)

Notamos que ao utilizarmos os termos “surdo-mudo”, “surdo e mudo” em qualquer situação e a nomenclatura “deficiente auditivo” dependendo do momento, será encarada como uma atitude desrespeitosa e preconceituosa. Sem contar o fato de negligenciar todo o capital cultural linguístico¹⁴, capital social¹⁵ e capital simbólico¹⁶, do indivíduo ou da comunidade surda em geral.

Empregar o verbete surdo, quando se quer fazer referência a um indivíduo que não escuta ou que escuta muito pouco, pode soar como preconceito, como disse um aluno ouvinte, para a pesquisadora Audri Gesser: “Eu achava que “deficiente auditivo” era menos ofensivo ou pejorativo do que “surdo”... mas, na convivência com os próprios surdos, fui aprendendo que eles preferem mesmo é que os chamem de surdos e uns ficam até irritados quando são chamados de deficientes...” (GESSER, 2009, p. 45).

Mediante a todas as falas dos surdos e de pesquisadores ouvintes citadas na parte *Analisando os seus Efeitos*, mas o discurso deste aluno ouvinte, citado no parágrafo anterior, concluímos que a melhor forma de não negarmos o capital linguístico, social e simbólico da comunidade de sujeitos moucos, é chamando-os de surdo, mesmo que venha nos soar como uma atitude preconceituosa.

Acreditamos que nosso estudo não representa nenhuma verdade absoluta sobre o assunto abordado e nem é nossa intenção, mas desejamos que este artigo seja utilizado como uma ferramenta útil a serviço da comunidade surda e que provoque novas discussões científicas ou não, principalmente as pautadas no campo cultural, a respeito da forma que a identidade surda é constituída, dentro e fora da comunidade surda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. de A. *Surdos & Inclusão Educacional*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010;

BARROS, J. P.; HORA, M. M. da. *Pessoas Surdas: Direito, Políticas Sociais e Serviço Social*, 2009, 127 p. *Monografia* (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife;

BIGOGNO, P. G. *Você é surdo ou ouvinte? Etnografia com surdos em Juiz de Fora – Mg*, 2013, 81 p. *Dissertação de Mestrado* (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora;

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. *Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS*, 2011. Disponível em http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf. Acessado em 10/12/2017;

BRASIL. Decreto federal nº 5626/05. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, 2005;

BOURDIEU, P. “Gostos de Classes e estilos de vida”. (Excerto do artigo “Anatomie Du goftt”). *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, nº 5, out. 1976, p. 18 - 43;

_____. “A economia das trocas linguísticas”. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994a, p. 156-183;

_____. *Esboço de uma teoria da prática*: precedido de três estudos de etnologia Kabila. Oeiras. Celta, 2002;

14 O capital linguístico pode ser entendido como a competência linguística legitimada dentro de certo mercado (BOURDIEU, 1994).

15 É o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligação permanentes e úteis (BOURDIEU, 2007, p. 67).

16 Comumente designado como prestígio, autoridade, etc., mas também a posição nas distribuições retraduzidas simbolicamente no estilo de vida. (BOURDIEU, 2013, p. 96).

- _____. “O capital social – notas provisórias”. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs). *Escritos de Educação*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007;
- _____. “Capital simbólico e classes sociais”. In: *Novos Estudos CEBRAP*. N° 96, julho de 2013, pp. 105 – 115;
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999;
- GESSER, A. *LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009;
- LONGMAN, L. V. *Memória de Surdos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2007;
- MARINS, C. L. Processos de Construção e Desenvolvimento de Currículos para Surdos com Deficiência em uma Escola Bilíngue para Surdos, 2015, 93 p. *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- MCCLEARY, L. (2003) O orgulho de ser surdo. In: *ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E SURDOS*, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP;
- PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. *Deaf in american: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2000;
- RAMOS, C. R. *Olhar surdo: orientações iniciais para estudantes de libras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2014;
- RIBEIRO, M. C. M. de A. A Escrita de Si: Discursos sobre o Ser Surdo e a Surdez, 2008, 178 p. *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte;
- ROCHA, S. *Memória e História: a indagação de Esmeralda*. Petrópolis: Arara Azul, 2010;
- STROBEL, K. L. Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História, 2008, 176 p. *Tese de Doutorado* (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis;
- VIEIRA, E. T. de B. Práticas de Hipervalorização de Diferentes Modos de Ser Surdo no Contexto Educacional do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (Cas) no Estado Do Espírito Santo, 2016, 127 p. *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória;